

CONCORDÂNCIA NOMINAL: REDAÇÕES DE VESTIBULAR NA UFRO

Maria Isabel de Moura *
Valdemir Miotello **

RESUMO: Os gerativistas colocam essa relação, como sendo a relação entre a gramaticalidade e a comunicabilidade. E esta parece ser a relação entre a língua e a linguagem. Na mente dos falantes há uma gramática natural, que existe em plenitude, e que lacunosamente e cheia de falhas é transformada em livro gramatical. Desse modo, na fala se encontram alguns fenômenos que não atendem ao indicado pelas gramáticas.

PALAVRAS – CHAVE: Comunicabilidade, Fenômenos, Gramática e Relação.

ABSTRACT: The gerativistas put this relationship, as the relationship between grammaticality and communicability. And this seems to be the relationship between language and the language. In the minds of speakers there is a natural grammar, which exists in fullness, and that lacunosamente and full of faults is transformed into grammar book. Thus, in speech are some phenomena that do not meet the indicated by the grammars.

KEYWORD: Communicability, Phenomena, Grammar and relationship.

1. É certo que há diferenças entre a fala e a escrita. Os gerativistas colocam essa relação, como sendo a relação entre a gramaticalidade e a comunicabilidade. E esta parece ser a relação entre a língua e a linguagem. Para eles, os falantes não podem apresentar deficiências na teoria natural, ou então não fariam. Na mente dos falantes há uma gramática natural, que existe em plenitude, e que lacunosamente e cheia de falhas é transformada em livro gramatical. Desse modo, na fala se encontram alguns fenômenos que não atendem ao indicado pelas gramáticas. Tal pode ser o caso da concordância nominal nos **Sintagmas Nominais (SN)**.

2. Os gramáticos tradicionais definem concordância como "o ajustamento de desinências entre termos subordinados e termos subordinantes da oração" (Melo, 1976:221), ou "a que se faz do adjetivo - atributivo ou

predicativo - com o substantivo a que se refere... a concordância nominal se estende também com o artigo, os possessivos, os demonstrativos, os indefinidos, que tudo são determinantes do nome substantivo" (idem: 222). Também definem concordância como "princípio segundo o qual, certos termos (dependentes, determinantes) se adaptam, na forma, às categorias gramaticais de outros (principais determinados)... o adjetivo (nome ou pronome) concorda com o substantivo que ele qualifica ou determina - em gênero e número" (Luft, 1981:21). Em Terra (1990: 265) encontramos o que ele chama de regra geral: "o artigo, o numeral, o adjetivo e o pronome adjetivo concordam em gênero e número com o nome a que se referem". Assim, o que se pode afirmar é que a marca plural, para os gramáticos tradicionais, deve ocorrer sempre e em todos os elementos de um SN.

3. Os dialetologistas (gramática contrastiva) também se detêm sobre este fenômeno, e registram a concordância nominal em falantes do português, e percebem que há variantes, dependendo do falante e dos termos em relação no sintagma. Os falantes sem escolarização, por exemplo, e os da área rural tendem a marcar o plural em SN apenas pelos pronomes, adjuntos ou numerais que precedem o substantivo (Marroquim, 1945:111, Monteiro, 1933:63 e Nascentes, 1953:8 1). Amadeu Amaral (1920:29/52) vai mais longe à questão, e liga a ausência de concordância a um fenômeno fonético geral, onde o /s/ final está em queda. O levantamento poderia ser mais detalhado, mas a conclusão seria a mesma: a marca de número no SN normalmente só é encontrada em seu primeiro elemento na fala do português do Brasil, por razões sociais e nível de escolarização (Scherre, 1978:26).

4. Diante destas duas posições opostas, com regra categórica e absoluta para os gramáticos normativos, e de forma categórica e no primeiro determinante para os dialetologistas, decidimos pesquisar em Rondônia a realização da regra de concordância nominal de número - inserção da marca plural - no desempenho lingüístico escrito, e estabelecemos como fonte, as redações do vestibular da UFRO do ano de 1992.

5. Como o volume de redações era enorme, estabelecemos um corte em apenas 5% do total, e trabalhamos então com 181 (cento e oitenta e uma) redações. Nestas, encontramos 1.623 ocorrências de SNs que continham marcas de concordância. Desse total, 98,5% das ocorrências faziam o plural da forma indicada pelos gramáticos normativos, e apenas 24 ocorrências (1,5%)

apresentavam alguma variação na marca plural. Com estes dados, apenas uma conclusão nos pareceu válida: a de que a escola consegue firmar na escrita de quem freqüentou o Primeiro e o Segundo Grau a marca da concordância nominal de número.

6. Não satisfeitos com os dados, pois não seriam suficientes para detectarmos as possíveis variáveis e seus fatores, fizemos um novo corte no corpus, ampliando, para trabalhar com 20% do total, ou seja, 512 redações. Mas modificamos a coleta, uma vez que só coletamos dados daquelas redações que apresentassem ao menos um SN sem alguma das marcas formais de concordância plural. Assim, das 512 redações, 71 apresentavam-se desse modo, e, desse grupo, coletamos 416 dados, sendo 331 ocorrências com todas as marcas formais de concordância nominal de número em todas as posições, e apenas 85 ocorrências sem todas as marcas de plural. Tendo trabalhado estes dados no VARBRUL, que é um pacote estatístico idealizado por Susan Pintzuk para análise em computador de fenômenos variáveis, não se apresentou nenhum grupo de fatores significativo.

7. Fizemos então uma terceira aproximação nos dados, desta feita trabalhando apenas com as 85 ocorrências que apresentavam SNs sem todas as marcas de plural, retiradas das 71 redações. Estabelecemos a seguir grupos de fatores para analisar este material. O primeiro grupo se referia à terminação das palavras no singular, divididas em fatores: a) palavras terminadas em /L/ (prejudicial mundial); b) terminadas em /O, A, E, U, T/ (progresso, floresta, rude, europeu, habitat); c) terminadas em /R,Z/ (azar, vez); d) terminadas em /ÃO,M/(divisão, virgem). Como segundos grupos de fatores analisamos a posição do termo sem realização de flexão plural no SN, do primeiro ao quinto termo. O terceiro grupo de fatores visava analisar o processo de formação do plural em dois grupos: a) processo com mudança morfofonêmica; b) processo sem mudança morfofonêmica. O quarto grupo de fatores analisava o gênero da palavra sem flexão (masculino, feminino, epiceno, sobrecomum, comum de dois ou adjetivo uniforme). O quinto grupo determinava que palavra apresentava-se sem flexão (substantivo, adjetivo, artigo, pronome ou outra) e o último grupo revelava a composição gramatical dos elementos do SN (artigo + nome, Artigo + nome + adjetivo, etc.), e visava detectar se a ordem dos termos do SN influenciava de alguma forma a não realização da concordância de número.

8. Num esforço de destacar só o que pareceu interessante na análise ,tiremos que a classe gramatical das palavras sem flexão que mais apareceu foi o artigo com 38 casos, seguido pelo adjetivo com 34 casos. Isso poderia nos parecer que a ausência de flexão plural se daria mais na primeira posição do SN, mas não é verdade. A segunda posição do SN ficou sem flexão em 31 ocorrências, enquanto que a primeira em apenas 21 vezes. Os estudos de Scherre e outros mostram que a primeira posição, na fala, é preferencialmente marcada, mas nossos dados não confirmam isso. Dizem também que o último termo do SN traz preferencialmente a ausência da marca, e nossos dados também não confirmam isso. Além disso, a composição do SN que mais influencia a ausência de marca plural é a de substantivo e artigo, quando o artigo já vem com a marca plural ou esta está no substantivo. Isso provavelmente confirma o que os lingüistas vêm afirmando com todas as letras: marcar todas as posições do SN é redundância; basta marcar uma posição.

9. Um grupo de fatores que nos chamou a atenção foi o do grau de saliência fônica na formação do plural. Apenas 11 ocorrências se apresentaram sem flexão em palavras que requeriam mudanças morfofonêmicas, enquanto 74 casos sem flexão foram de palavras que fazem o plural sem mudança morfofonêmica, tidas como "palavras fáceis". Como explicar? Poderíamos pensar que palavras do primeiro grupo teriam sido evitadas dada a dificuldade de pluralizá-las, ou também que, por seu grau de dificuldade, tenham fixado mais fielmente esta formação. Quanto ao volume de ausências de marcas de plural no segundo grupo poderíamos atribuir a fato usual ou até o descuido, pois que normalmente ocorriam em redações onde se encontravam outras seis ou sete ocorrências de SN totalmente flexionadas no plural. Há casos, é verdade, em que, na mesma redação, foram flagrados três ou quatro casos sem flexão, mas isso somente em cinco redações. Exemplo disso é uma redação que apresenta estes casos: /... retribuir com muita chances de sobreviver;/ /Traz muita coisas agradáveis e desagradáveis;/ /...Trouxe muita chances de vida/. Note-se que ele pluralizou /chances, coisas, agradáveis, desagradáveis/, e, no entanto /muita/ ficou invariável nos três casos. Será que o sentido de muita, como muita coisa, pareceria a este vestibulando que esta palavra fosse invariável, ou satisfizesse já o plural? Outro grupo que nos chamou a atenção foi o dos adjetivos terminados em /L/. Vejamos alguns casos em redações diferentes: /...progresso atinge proporções mundial;/ /...só

que as autoridades mundial;/ /...trazendo benefícios total ou parcial;/ /...com as invenções prejudicial/. Fica parecendo que estas pessoas tomam palavras terminadas em /L/ como invariáveis. Estas duas ocorrências em uma mesma redação parece confirmarem isso: /Uma das coisas mais violentas;/ /Uma das coisas mais cruel/. Veja que /violentas/ traz a marca do plural, enquanto que /cruel/ foi tomada como invariável. Outro caso que merece exame é a repetição cometida em uma mesma redação, onde aparece em dois momentos: /seu trabalho mais árduos/. Será que nesse caso o advérbio /mais/ pareceu a ele ser plural, de modo que ele devesse pluralizar /árduos/? Nesse caso poderíamos pensar em hiper-correção. Isso apareceu algumas vezes, como em: /...pessoas com pensamentos bastantes diferentes/.

10. O que é possível concluir dessa pesquisa? Primeiro, concluir que, de verdade, esta é uma das marcas que a escola mais consegue fixar na escrita, com 98,5% dos casos com marcas totais de pluralização nos SNs.. Se esta marca não é tão forte na fala, como revelam pesquisas variacionistas, logo seu crédito na escrita deve ser dado à escola. Aí se abrem dois caminhos: o primeiro seria dar seqüência a pesquisas da linguagem escrita em distintas séries escolares, para se perceber a partir de quando esta marca já está fixada, e o segundo seria repetir a pesquisa com universitários, a partir de novas redações identificadas, no sentido de poder sabatar os que deixaram de marcar algum termo e perceber se foi descuido ou se é usual, indicando variação. Outra conclusão é a de que a presença da marca plural nos SNs escritos não se dá preferencialmente no primeiro termo, como na fala, mas não há uma certeza em qual termo ele vai aparecer ou não. Outra conclusão é que não é certo que o grau de saliência fônica seja responsável pela ausência de pluralização em SNs plurais, uma vez que as palavras que formam o plural sem mudanças morfofonêmicas, e, portanto, aparentemente mais fáceis de pluralizar, foram as que ocorreram sem pluralização em maior número. Finalmente, lamentamos não termos podido trabalhar com grupos de fatores extralingüísticos no nosso corpus, por falta destes dados, mas apenas dizemos que as redações devem ter sido produzidas em clima de tensão, com forte cobrança de sucesso, e, provavelmente, com muita atenção e extremo cuidado, e isso, com certeza, influenciam na produção da escrita.

BIBLIOGRAFIA:

- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/FENAME, 1972.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade - O gigolô das palavras - por uma nova concepção da língua materna**. Porto Alegre, 6 ed., L&PM, 1985.
- LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre, 4ª ed., Globo, 1981.
- MARROQUIM, Mário. **A língua no nordeste - Alagoas e Pernambuco**. 2ª ed., Editora Nacional, 1945. MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. São Paulo, Ao Livro Técnico SIA, 1967.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à sociolinguística variacionista**. RJ, UFRJ, 1992. NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro, 2 ed., Organizações Simões, 1953. SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. RJ., Dissertação de Mestrado, PUC, 1978.
- TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. SP., Ed. Scipione, 1991.

Valdemir Miotello

* **Maria Isabel de Moura**. Professora do Departamento de Letras/UFRO

* * **Valdemir Miotello**. Professor do Departamento de Filosofia/Sociologia/UFRO
Doutorandos em Linguística pela UNICAMP.